

## **Ciência e Ambiente** Relatório do Observatório Social da Fundação “la Caixa”



# A Ciência em Portugal: é frágil, é precária e tem pouco impacto

Relatório apresentado hoje dá conta das fragilidades do sistema científico em Portugal e Espanha. Conexão com as empresas é outro dado crítico no panorama nacional

### **Tiago Ramalho**

O aumento do número de investigadores e do investimento em ciência em Portugal tem sido insuficiente. Na última década, apesar de um crescimento de 46%, o número de investigadores em Portugal não cresceu ao mesmo nível do da União Europeia (UE). Pelo contrário, Portugal tem uma proporção menor de cientistas no conjunto do espaço europeu em 2019 do que tinha em 2008.

Há mais neste campo. O impacto da produção científica em Portugal continua a ser inferior em comparação com Espanha, Grécia ou Itália (medido pelo índice de citações), o orçamento do Governo dedicado a investigação e desenvolvimento (0,82%) é quase metade da média da UE, e a

população doutorada continua dependente de contratos precários – em maior número do que a grande maioria dos países da UE. Tudo isto torna o sistema científico português “frágil”, como refere Tiago Santos Pereira, investigador em política científica da Universidade de Coimbra.

Nem tudo são más notícias. No campo da igualdade de género, Portugal continua a ser um dos países na dianteira, com mais mulheres investigadoras e em maior proporção, mesmo em áreas dominadas por homens nas últimas décadas (como as engenharias). Além disso, apesar de não crescermos o nosso tecido científico à velocidade de outros países, como a Espanha, Itália ou Grécia, há um efectivo aumento nos doutorados e cientistas a trabalhar em Portugal.



MIGUEL MANSO

relatório coordenado por Tiago Santos Pereira e Luis Sanz Menéndez, do Instituto de Políticas e Bens Públicos do Conselho Superior de Investigações Científicas (Espanha): o sector privado tem pouca participação na investigação científica da Península Ibérica.

O caso português é exemplar: apenas cerca de 6% dos doutorados em Portugal trabalham em empresas privadas. “Estamos a formar pessoas muito qualificadas, e é importante continuar a fazê-lo, mas não as estamos a formar apenas para estarem no sector público da investigação. É importante que haja espaço nas empresas, na administração pública ou em áreas do terceiro sector”, nota Tiago Santos Pereira, especialista em política científica que comissariou o relatório.

“Portugal tem tendencialmente o nível mais baixo de emprego do sector empresarial de doutorados. É importante que cresçam essas oportunidades, essa procura e a experiência de doutorados nas empresas”, acrescenta o investigador da Universidade de Coimbra.

Em Agosto deste ano, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior dava conta de um máximo histórico de despesa em investigação e desenvolvimento em Portugal: 1,69% do produto interno bruto (PIB). O máximo histórico é, ainda assim, bem distante da média europeia, cifrada nos 2,3% do PIB.

Um dos dados em maior destaque nestas contas é que a maioria desta despesa é da responsabilidade das empresas – apesar de a maioria dos investigadores estarem alocados a instituições de ensino superior. Ainda assim, há crescimento entre 2020 e 2021 no número de cientistas em Portugal, praticamente todos no sector empresarial (2638 novos investigadores nas empresas no ano passado). Ainda assim, a capacidade de envolvimento de doutorados e investigadores nas empresas continua a em déficit, apesar da evolução descrita nos últimos dados da tutela.

### Mais uma vez, a precariedade

“Pior do que nós em termos de investigadores com contrato a termo, só a Alemanha”, lança Cláudia Sarrico, investigadora da Universidade do Minho que também contribuiu para este relatório da Fundação “la Caixa”. Mas acrescenta: “Só que o problema é muito pior em Portugal. Na Alemanha, há muitos investigadores com contrato a termo, mas a maioria não trabalha no ensino superior.”

Tiago Santos Pereira alinha pelo mesmo discurso: “A precariedade na investigação é uma questão crescente a nível internacional. Mas mesmo neste contexto generalizado a nível científico e sobretudo numa fase inicial da carreira, o que vemos nestes dados é que Portugal tem maior pre-



PAULO PIMENTA

cariedade do que os outros países.”

Esta não é uma novidade. Os concursos de emprego científico ou de projectos de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia são um dos principais alvos de críticas dos cientistas portugueses, devido às baixas taxas de aprovação de financiamento.

Em Maio, em audição parlamentar, Elvira Fortunato reconheceu que “é preciso mais investimento na ciência e ensino superior”. Nessa audição, a ministra da tutela anunciou uma única medida para o financiamento científico, com a inclusão no Orçamento do Estado (apresentado no próximo mês de Outubro) do financiamento dos projectos de investigação que, não garantindo financiamento do Conselho Europeu de Investigação, tenham avançado até à segunda e última fase dos concursos. Nos últimos quatro meses não houve qualquer explicação sobre como será suportada esta medida, nem quais os critérios da sua aplicação.

“Em Portugal, não há perspectivas de poder utilizar o seu conhecimento e competências fora do ensino superior. E isto pode levar à fuga de cérebros ou à erosão de competências”, aponta Cláudia Sarrico. “Com esta precariedade, a carreira de investigador não é atractiva e não vamos ter os melhores a fazer investigação.”

Além dos contratos precários, há também um problema na extensão destas situações. “Os jovens investigadores têm-se deparado com uma situação gritante de precariedade nas condições contratuais e esta precariedade, comparativamente com o resto do mercado de trabalho, dura até muito tarde na vida dos investigadores”, observa Tiago Santos Pereira, referindo-se aos períodos longos de formação até atingir o grau de doutorado, por exemplo.

### Qualificar os mais velhos

“Há certos sectores em que Portugal tem vindo a ter um crescimento maior, como o investimento – apesar de estar muito longe do objectivo de 3% traçado pelo Governo”, diz Tiago

### Nos indicadores sobre igualdade de género na investigação científica, Portugal está na dianteira



## Em Portugal, não há perspectivas de poder utilizar o seu conhecimento e competências fora do ensino superior

Cláudia Sarrico  
Investigadora

## Os jovens investigadores têm-se deparado com uma situação gritante de precariedade nas condições contratuais

Tiago Santos Pereira  
investigador

## Portugal destaca-se pela positiva em termos de mulheres investigadoras

Cláudia Sarrico  
Investigadora

Santos Pereira. “Os sistemas [científicos português e espanhol] mostram uma fragilidade em termos estruturais, como se nota nas oportunidades para os jovens investigadores e na articulação entre academia e empresas”, classifica.

Uma das opções é qualificar os mais velhos, defende Cláudia Sarrico. “Temos altas taxas de qualificação dos mais novos, conseguindo ultrapassar o déficit que tínhamos. Mas essas taxas de participação no ensino superior diminuem muito a partir dos 30 anos, mesmo ao nível do ensino secundário”, refere.

Outra solução apontada pela especialista da Universidade do Minho é aumentar os projectos das universidades em parceria com as empresas e fomentar níveis de ensino mais orientados para a participação activa na inovação empresarial.

“É uma condição-base termos bons diplomados e bons doutorados, mas não é condição suficiente. Temos de criar outras condições para que as pessoas possam aplicar estas competências”, afirma.

Noutra perspectiva, Tiago Santos Pereira levanta a necessidade de ter uma maior preocupação com a definição do impacto e dos resultados económicos da investigação para as empresas – de forma a cativar e promover a articulação.

Ainda assim, ressalva que não é só assim que se reforça o tecido científico nacional: “O contributo da investigação não se mede somente pela ligação entre universidades e empresas. A virtude de uma boa política em ciência, tecnologia e inovação é garantir um equilíbrio adequado entre promover um impacto e ter o espaço de desenvolvimento do conhecimento.”

### Igualdade continua a ser a boa notícia

Não é novidade. Nos indicadores sobre igualdade de género na investigação científica, Portugal está regularmente na dianteira – e é apontado como um dos exemplos a seguir.

“Portugal destaca-se pela positiva em termos de mulheres investigadoras, mesmo nas áreas mais associadas aos homens (como a engenharia), em que ainda não há paridade, mas onde Portugal está melhor do que os outros países”, destaca Cláudia Sarrico.

Apesar de concordar, Tiago Santos Pereira realça os dados sobre a autoria de patentes, que ainda mostram uma predominância dos homens (apesar de haver mais mulheres cientistas): apenas uma em cada quatro patentes é de mulheres. Ainda assim, estamos melhor do que a média europeia, onde o rácio é de uma em cada dez.

“Devemos procurar manter a preocupação nesta área e continuar a promover a participação das mulheres”, atenta o investigador da Universidade de Coimbra.

### Apesar das fragilidades, há uma evolução positiva nos doutorados e no investimento

Os dados fazem parte de um relatório desenvolvido pelo Observatório Social da Fundação “la Caixa” e apresentado hoje e amanhã em Lisboa e no Porto, respectivamente. A Fundação “la Caixa” tem sido uma fonte de financiamento recorrente para a investigação em Portugal e Espanha, especialmente nas ciências da saúde e biomédicas.

### Tecido empresarial sem ciência

É uma das críticas mais marcadas do